



CARTILHA DE
ACESSIBILIDADE

AO ESTUDANTE

COM DEFICIÊNCIA
AUDITIVA

Orientações para Docentes do Unifeso

NAPPA

SUMÁRIO



1	Apresentação	10	Perspectivas da Pessoa Surda: Comunicação, Acesso e Identidade
2	O Nappa	11	Capacitismo no Cotidiano
3	Atuação do Nappa	15	Desafios para a Instituição, Professores e Estudantes com Deficiência Auditiva
4	A Importância da Parceria com o Corpo Docente	17	A atuação do Intérprete nos espaços acadêmicos
6	Acessibilidade e Educação Inclusiva	19	Pontos Importantes na Educação do Deficiente Auditivo
7	Níveis de Inclusão	24	Em Resumo
8	Definição de Deficiência Auditiva	25	É Sempre Bom Lembrar
9	Implicações Comunicativas	26	Referências Bibliográficas

C389 Centro Universitário Serra dos Órgãos.

Cartilha de acessibilidade ao estudante com deficiência auditiva: orientações para docentes do Unifeso / Centro Universitário Serra dos Órgãos. – Teresópolis: UNIFESO, [2026].

[28] f. : il. color.

ISBN 978-65-5320-058-6

1. Acessibilidade. 2. Pessoas com Deficiência Auditiva.
3. Docentes. 4. Núcleo de Apoio Psicopedagógico e
Acessibilidade. 5. Unifeso. I. Título.

CDD 371.911

APRESENTAÇÃO

Em prol de uma sociedade mais justa e igualitária, a Cartilha de Acessibilidade ao Estudante com Deficiência Auditiva, idealizada pelo NAPPA, é um guia prático e informativo que busca promover a inclusão no ambiente acadêmico.

A cartilha aborda desde a definição da deficiência auditiva até os desafios e melhores práticas para garantir uma experiência educacional significativa para todos os estudantes, incluindo aqueles com deficiência auditiva.

Além disso, destaca desafios enfrentados por instituições, professores e estudantes com deficiência auditiva, como falta de conhecimento, desconhecimento de tecnologias assistivas, defasagem escolar e dificuldades interpessoais.

Seu objetivo é fornecer informações relevantes e atualizadas para promover a acessibilidade e inclusão, contribuindo para um ambiente mais acolhedor.

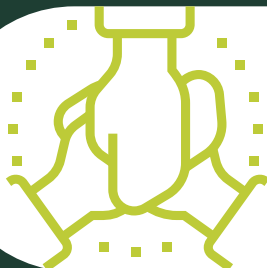


02.

O NÚCLEO DE APOIO PSICOPEDAGÓGICO E ACESSIBILIDADE - NAPPA

QUEM SOMOS?

O Núcleo de Apoio Psicopedagógico e Acessibilidade (NAPPA) do Unifeso é um setor que visa promover o bem-estar e o sucesso acadêmico dos alunos, atuando nas áreas pedagógica, psicológica e psicopedagógica da acessibilidade e inclusão, se consolidando como um espaço de apoio e desenvolvimento para os estudantes do Unifeso, que oferece serviços e recursos personalizados para atender às suas necessidades individuais ao longo de toda a jornada acadêmica.



03.

ATUAÇÃO DO NAPPA

01.

O NAPPA atua em diversas frentes, como atendimento psicopedagógico individualizado: auxiliando os estudantes a identificar e superar dificuldades de aprendizagem, emocionais e de adaptação ao ensino superior.

02.

Atividades em grupo: oficinas e palestras sobre temas relevantes para a vida acadêmica, como gestão do tempo, técnicas de estudo, saúde mental e inclusão.



03.

Parceria com professores e coordenadores: buscando soluções para as dificuldades enfrentadas pelos alunos e promovendo um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e acolhedor.

04.

Recursos e serviços especializados: Sala de Recursos Multifuncionais, intérpretes de Libras e leitores, visando fomentar a comunicação e a participação de todos os alunos.

A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA COM O CORPO DOCENTE

O NAPPA ressalta a importância da parceria e colaboração com o corpo docente da instituição, pois os professores, que convivem diariamente com os estudantes em suas respectivas formações, são os primeiros a identificar e a lidar com os desafios. Para isso, os docentes podem e devem contar com o suporte do NAPPA para realizar uma inclusão efetiva. Portanto, o docente tem um papel fundamental, pois é ele quem está em contato direto com os alunos em sala de aula. É importante que o professor esteja preparado para lidar com as diferenças e impedir que o medo dos estudantes domine as relações sociais dentro da sala, dificultando a inclusão. Além disso, destaca a importância da comunicação constante, eficiente e direta com coordenadores e professores, como estratégia fundamental para garantir a acessibilidade e a inclusão dos alunos ao longo de sua formação.





O NAPPA oferece apoio aos professores em diversas situações, tais como:



01. Atendimentos aos pais e familiares.
 02. Retirada de dúvidas sobre diagnósticos que o aluno possui e o docente não sabe o que é, nem como proceder mediante ao caso, necessitando de maiores informações.
 03. Mediação de conflitos de relacionamento de qualquer esfera.
 04. Orientação sobre como lidar com a demanda específica que um aluno apresenta.
 05. Realização da abordagem a um estudante.
 06. Pensamento e criação de estratégias para o baixo rendimento nas atividades acadêmicas ou na adesão de atividades.
 07. Em situações de emergência, o NAPPA pode ser acionado para agir rapidamente e oferecer suporte técnico e acolhimento, através da modalidade "SOS".
-

ACESSIBILIDADE E EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A Acessibilidade, de acordo com a Lei Brasileira de Inclusão, Nº 13.146 de 2015, e do Decreto da Acessibilidade, Nº 5.296 de 2004, é a possibilidade da pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida alcançar com segurança e autonomia mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, os meios de transportes, informação e comunicação, e ainda, as tecnologias e outros serviços de uso coletivo em todos os espaços (BRASIL, 2015).



A Educação Inclusiva, segundo a Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da inclusão, de 2008, se constitui como um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola (BRASIL, 2008).

07.

NÍVEIS DE INCLUSÃO



A inclusão pode se materializar em diferentes níveis, desde o básico até o transformador, com ações que vão desde a conformidade com leis até a busca por mudanças sistêmicas e culturais.

INICIANTE OU FORMAL

Nível básico de inclusão, associado a regras e procedimentos formais.

BÁSICO OU LEGAL

Conformidade com leis e regulamentos relacionados à inclusão.

INTERMEDIÁRIO OU SIGNIFICATIVO

Ações proativas para criar um ambiente mais acolhedor e acessível.

AVANÇADO OU TRANSFORMADOR

Inclusão como força transformadora, buscando mudanças sistêmicas e culturais.

08.

DEFINIÇÃO DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Hipoacusia patológica (perda auditiva por patologia) é a diminuição da capacidade de ouvir causada por doenças, condições médicas ou lesões, diferindo da perda relacionada apenas ao envelhecimento ou ao ruído. É definida pela elevação permanente do limiar auditivo acima de 25 dB, podendo variar em grau (leve, moderada, severa ou profunda) conforme a patologia e a parte do sistema auditivo afetada.

TIPOS DE PERDA AUDITIVA POR PATOLOGIA

- Perda Auditiva Condutiva: alteração na transmissão do som pelo ouvido externo ou médio.
 - Exemplos: otite média (líquido no ouvido médio), otosclerose (crescimento ósseo anormal), obstruções por cera ou corpos estranhos.
 - Perda Auditiva Neurossensorial: dano na cóclea ou no nervo auditivo.
 - Exemplos: doenças sistêmicas (diabetes, hipertensão), infecções congênitas (rubéola, sífilis), causas genéticas, medicamentos ototóxicos (aminoglicosídeos, alguns diuréticos).
 - Perda Auditiva Mista: combinação de componentes condutivos e neurossensoriais, afetando tanto a condução do som quanto as estruturas sensoriais.
-

Quanto à lateralidade

- Perda Unilateral: afeta apenas um ouvido, podendo causar dificuldade de localizar sons e compreender fala em ambientes ruidosos.
- Perda Bilateral: afeta ambos os ouvidos; geralmente tem maior impacto na comunicação e no desenvolvimento da linguagem (especialmente em crianças).



IMPLICAÇÕES COMUNICATIVAS

Mesmo com tecnologias assistivas, muitas pessoas surdas dependem de leitura labial e de suportes visuais para acessar conteúdos, o que exige ajustes na forma de ensinar e avaliar.

Pedagogia visual: A experiência sensorial predominante é a visão; portanto, recursos visuais, organização textual clara, e ritmos de fala/explicação que respeitem a interpretação em Libras são fundamentais.

PERSPECTIVAS DA PESSOA SURDA: COMUNICAÇÃO, ACESSO E IDENTIDADE

A pessoa surda, por muito tempo, foi vista sob uma perspectiva médica e patológica, reduzida à falta da audição. Os Estudos Surdos trazem uma nova compreensão: a surdez não é deficiência, mas uma diferença linguística e cultural.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a língua natural da comunidade surda, com estrutura própria, visual, espacial e gestual. Ela possibilita a construção do pensamento, da subjetividade e das relações sociais, sendo essencial para garantir comunicação, educação, cultura e cidadania.

O acesso da pessoa surda aos espaços sociais — como saúde, trabalho e serviços públicos — depende da valorização da Libras e da presença de profissionais qualificados, como intérpretes. Na educação, a inclusão deve assegurar condições reais de aprendizagem, respeitando o bilinguismo: Libras como primeira língua e o português escrito como segunda.

A identidade surda é construída nas experiências visuais, no uso da língua de sinais e no pertencimento à comunidade surda. Essa identidade é plural, marcada por fatores sociais e culturais, e não se relaciona à deficiência, mas à diferença. Reconhecer a língua, a cultura e a identidade da pessoa surda é fundamental para uma sociedade mais justa, inclusiva e diversa, baseada nos direitos humanos e na valorização da diversidade.



11.

CAPACITISMO NO COTIDIANO

O capacitismo é a discriminação e marginalização de pessoas com deficiências, baseando-se na crença de que elas são inferiores ou incapazes devido às suas condições físicas ou mentais. Manifesta-se de várias formas, como isolamento, expressões ofensivas, piadas depreciativas, infantilização de adultos, julgamentos sobre capacidades individuais, falta de acessibilidade e “elogios” disfarçados.

12.



IMPACTO

Os surdos, tanto em espaços familiares quanto sociais e educacionais, frequentemente são tratados com exclusão. A ausência da audição é equivocadamente percebida como um obstáculo para a comunicação e para a expressão de pensamentos. No entanto, essa visão é incorreta:

Pessoas surdas que utilizam a Língua Brasileira de Sinais (Libras) comunicam-se de forma plena e clara, e ouvintes que dominam Libras conseguem estabelecer uma interação natural e eficaz com elas.

Esse cenário revela a presença do capacitismo, uma forma de discriminação que se manifesta de maneira recorrente, muitas vezes de forma sutil e naturalizada. O capacitismo compromete a autonomia, a identidade e o acesso pleno aos direitos da população surda. Ele parte da ideia equivocada de que pessoas com deficiência são inferiores, incapazes ou precisam ser “consertadas” para se adequar ao padrão ouvinte.

13.

EXEMPLOS DE FRASES E ATITUDES CAPACITISTAS

"É melhor você não
apresentar seminário,
porque não vai dar
certo."

"Não adianta
participar da aula,
você não vai entender
sem ouvir."

"Nossa, você fala bem,
nem parece surdo."

"Não tem como incluir
surdos em atividades
práticas, é muito
difícil."

"Surdo não consegue
acompanhar debates,
então não precisa
participar."

"Você atrasa a aula
porque precisa de
intérprete."



14.

NOMENCLATURA INADEQUADA



Portador ou portadora de
deficiência

Pessoas com necessidades
especiais

Surdinho

NOMENCLATURA UTILIZADA

Pessoa com deficiência

Pessoa com deficiência
auditiva

Pessoa com surdez

Surdo



Atenção: Independentemente do termo utilizado,
é importante identificar o estudante pelo nome.

DESAFIOS PARA A INSTITUIÇÃO, PROFESSORES E ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

O acesso de pessoas com deficiência auditiva ao ensino superior aumentou nas últimas décadas, impulsionado por políticas de inclusão e pelo reconhecimento da Libras. Contudo, a permanência e o sucesso acadêmico dos estudantes surdos ainda enfrentam barreiras significativas.

- Principais desafios:
 - Falta de intérpretes de Libras e materiais acessíveis.
 - Ausência de políticas institucionais consolidadas.
 - Predomínio da lógica ouvintista, que privilegia o português oral e marginaliza a Libras.
 - Resistência pedagógica e atitudinal de professores e colegas.

Esses fatores dificultam a plena participação dos surdos na vida acadêmica e reforçam exclusões simbólicas e práticas. A implementação de políticas bilíngues permanece como um desafio central para garantir inclusão efetiva no ensino superior.





Os docentes do ensino superior, em sua maioria, não possuem formação adequada para trabalhar com estudantes com deficiência auditiva.

A falta de conhecimento sobre Libras, sobre a cultura surda e sobre estratégias pedagógicas acessíveis compromete a mediação do conhecimento. Ronice Müller de Quadros (2004) ressalta que a compreensão da Libras como primeira língua (L1) do estudante surdo, é fundamental para a organização do processo de ensino-aprendizagem na absorção de conteúdo.

Outro desafio refere-se à adaptação metodológica e avaliativa. Avaliações exclusivamente orais, aulas expositivas sem apoio visual e ausência de materiais adaptados dificultam o acompanhamento acadêmico.

Conforme Mantoan (2003), a inclusão exige flexibilização curricular e práticas pedagógicas que considerem a diversidade dos estudantes, sem reduzir a exigência acadêmica.

17. A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE NOS ESPAÇOS ACADÊMICOS

- Abrangência da atuação
 - Presença não restrita à sala de aula.
 - Acompanhamento em palestras, aulas de campo, visitas externas, aulas em laboratórios (como o anatômico) e estágios.
 - Apoio em diversos espaços não escolares que exigem acessibilidade comunicacional.
- Preparação prévia
 - Acesso antecipado ao conteúdo das aulas para estudo da sinalização.
 - Conhecimento dos materiais de palestras e de professores convidados.
 - Planejamento para garantir precisão na tradução e fluidez na comunicação.





- Dinâmica de trabalho
 - Atuação geralmente em duplas para garantir continuidade e qualidade da interpretação.
 - Suporte contínuo ao estudante surdo, assegurando acesso em tempo real às informações transmitidas em português.
 - Adaptação às diferentes situações acadêmicas e sociais, mantendo a Libras como meio de inclusão.

- Desafios e responsabilidades
 - Necessidade de constante atualização e preparo técnico.
 - Garantir equidade no acesso ao conhecimento em todos os ambientes acadêmicos.
 - Contribuir para a efetiva participação do estudante surdo na vida universitária.



PONTOS IMPORTANTES NA EDUCAÇÃO DO DEFICIENTE AUDITIVO

01. Comunicação e linguagem

- Uso da Libras como primeira língua (quando for o caso).
- Presença de intérprete de Libras qualificado em sala e em outros espaços acadêmicos.
- Respeito ao bilinguismo: Libras como L1 e português escrito como L2.
- Falar de frente para o aluno, com boa iluminação, facilitando leitura labial.
- Criação de glossários em Libras para termos técnicos.
- Incentivo ao aprendizado de Libras por toda a comunidade escolar.

02. Aspectos visuais

- Priorizar recursos visuais: imagens, vídeos legendados, esquemas e gráficos.
- Organização visual clara dos materiais didáticos e do quadro.
- Evitar falar enquanto escreve ou anda sem contato visual.
- Uso de cores e contrastes adequados.
- Disponibilização de slides e materiais antes das aulas.

03. Metodologia de ensino

- Adaptação das estratégias pedagógicas às necessidades do aluno surdo.
- Metodologias ativas, práticas e contextualizadas.
- Garantir compreensão dos conceitos, não apenas memorização.
- Gravação de aulas EaD com legendas e transcrição.
- Planejamento pedagógico inclusivo desde o início do semestre.
- Integração de Libras como língua de instrução em disciplinas específicas.

04. Avaliação

- Avaliações adaptadas, com linguagem clara e objetiva.
- Valorização da compreensão do conteúdo, não apenas da escrita em português.
- Possibilidade de avaliações em Libras.
- Flexibilização dos formatos (provas, apresentações visuais, vídeos em Libras).
- Feedback acessível em Libras ou em formato visual.



21.

05. Dinâmicas de sala de aula

- Contato visual constante: Professores devem falar de frente para o aluno surdo, facilitando leitura labial e interação.
- Materiais acessíveis: Disponibilizar slides, textos e vídeos com legendas ou transcrições antecipadamente.
- Valorização da participação: Incentivar que o aluno surdo contribua nas discussões, respeitando o tempo de interpretação e evitando interrupções.

06. Produção de trabalhos acadêmicos em grupos

- Distribuição equitativa de tarefas: O aluno surdo deve assumir responsabilidades acadêmicas como qualquer outro integrante, sem ser subestimado.
 - Comunicação inclusiva: O grupo deve adotar estratégias como escrita, Libras ou aplicativos de tradução para garantir fluidez na interação.
 - Respeito ao tempo de resposta: Reconhecer que a mediação por intérprete ou leitura labial pode demandar mais tempo, sem desvalorizar a contribuição do estudante.
 - Ambiente colaborativo: Estimular colegas a aprenderem sinais básicos em Libras, promovendo integração e respeito.
 - Reconhecimento da diversidade: A surdez não deve ser vista como limitação, mas como parte da pluralidade que enriquece o processo acadêmico.
-

07. **Inclusão e interação social**

- Estimular interação entre surdos e ouvintes.
- Combater preconceitos e promover respeito à cultura surda.
- Incentivar colegas e professores a aprenderem noções básicas de Libras.
- Projetos de extensão voltados para a cultura surda.
- Oficinas de Libras para toda a comunidade acadêmica.
- Criação de espaços de convivência inclusivos.

08. **Desenvolvimento e identidade**

- Respeitar a identidade surda como diferença linguística e cultural.
- Apoiar autonomia e autoestima do aluno.
- Apoio psicológico e pedagógico especializado.
- Incentivo à liderança e protagonismo dos alunos surdos.

09. **Ambiente escolar**

- Estrutura física e pedagógica preparada para inclusão.
 - Formação continuada dos professores sobre educação de surdos.
 - Contratação e capacitação de intérpretes de Libras.
 - Adequação arquitetônica (sinalização visual, alarmes luminosos).
 - Políticas institucionais claras de inclusão e acessibilidade.
 - Núcleos de acessibilidade dentro das instituições.
-

10. Tecnologia e inovação

- Softwares de legendagem automática e tradução em tempo real.
- Plataformas de ensino adaptadas para acessibilidade.
- Recursos de realidade virtual e aumentada.
- Ferramentas de comunicação síncrona com suporte em Libras.

11. Formação docente e institucional

- Capacitação contínua de professores em Libras e metodologias inclusivas.
- Sensibilização da equipe pedagógica e administrativa.
- Inclusão da temática da surdez nos currículos de licenciatura e pedagogia.
- Parcerias com associações de surdos e órgãos públicos.

12. Atuação dos intérpretes no ensino superior

- Presença em sala de aula, palestras, aulas de campo, visitas externas, laboratórios e estágios.
 - Preparação prévia com acesso antecipado a materiais e conteúdos.
 - Trabalho em duplas para garantir suporte contínuo.
 - Tradução em tempo real para assegurar pleno acesso ao conhecimento.
 - Adaptação às diferentes situações acadêmicas e sociais.
-

EM RESUMO

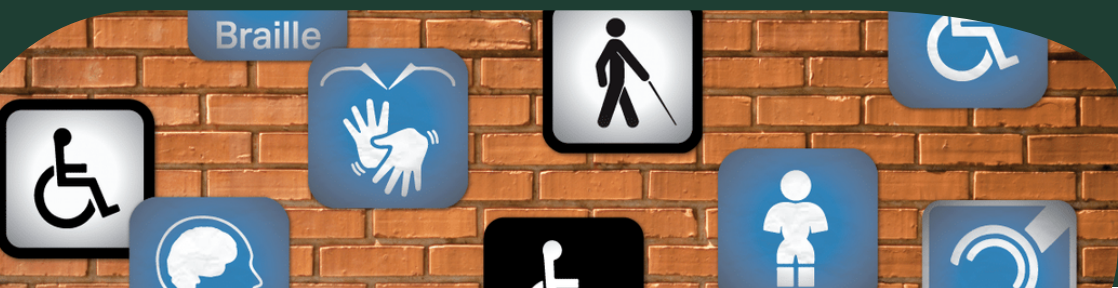
Estudantes com surdez utilizam predominantemente a visão e outros sentidos remanescentes para interagir com o ambiente. Reconhecem pessoas por meio de sinais visuais, expressões faciais, gestos e atitudes, explorando o mundo por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras), da leitura labial e de recursos visuais. Na formação de conceitos, é crucial considerar a ausência ou limitação da audição, adaptando abordagens pedagógicas para garantir o acesso à comunicação e à informação. Estimular a autoconfiança, o empoderamento e a autonomia são elementos-chave para a inclusão e o sucesso. Educadores devem adotar práticas inclusivas, utilizando materiais acessíveis, recursos visuais e promovendo atividades que estimulem a interação social. Um ambiente acolhedor e inclusivo é fundamental para o desenvolvimento integral de estudantes com surdez



É SEMPRE BOM LEMBRAR

Cada pessoa com surdez é única, com uma história de vida e um conjunto de experiências singulares. Portanto, comparações são inadequadas e desrespeitosas. Não existem "modelos" de como uma pessoa com deficiência auditiva deve ser ou agir. Cada indivíduo trilha seu próprio caminho em direção à autonomia e independência, no seu tempo e de acordo com suas oportunidades. O respeito à individualidade e ao ritmo de cada um é fundamental.

"Para entender a pessoa que tem uma deficiência, é preciso enxergar a pessoa e não a sua deficiência."



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BRASIL, Lei n° 13.146 de 06 de julho de 2015.

BRASIL, Lei n° 10.436 de 10 de janeiro de 2002.

BRASIL, Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005.

BRASIL, Decreto 5.296 de 2 de dezembro de 2004.

Lei n° 12.319, de 1° de setembro de 2010.

Lei n° 8.160, de 8 de janeiro de 1991.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. Porto Alegre: Mediação, 1998.

QUADROS, Ronice Müller de. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SKLIAR, Carlos. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: UFSC, 2008.